

A INCULTURAÇÃO LITÚRGICA NUMA PERSPECTIVA ECOFEMINISTA

1. “ELAS ESTÃO CHEGANDO..!”

1. I. BUYST, Mulheres se encontrando na liturgia. Em *REVISTA DE LITURGIA*, São Paulo, n. 102 (1990 nov-dez), p. 167

“Somos mulheres em tudo o que fazemos, ‘mulher’ é a maneira de ser, de ver, de sentir, de pensar, de nos relacionar... Será que este ‘ser mulher’ está tendo chances na liturgia?”¹

É a partir deste questionamento de Ione Buyst e de tantas outras mulheres, que tem surgido em vários países da América latina e nos EUA, uma tentativa de se celebrar a partir da própria vida das mulheres. Muitos cultos, celebrações e rituais das igrejas não refletem a vida cotidiana das pessoas, em especial a das mulheres, com suas inquietações, preocupações, como também suas alegrias e gozos.

Assim, quando se fala de inculturação litúrgica numa perspectiva ecofeminista, estamos falando de algo que é vital para a sobrevivência de nossas igrejas, pois sem essa inculturação, na vida e no cotidiano das mulheres, nossas igrejas poderão perdê-las.

“A linguagem litúrgica é predominantemente masculina: chama Deus de ‘Pai’, ‘Senhor’, ‘Ele’... Como foi feita por homens, expressa a fé e o mundo com características masculinas, com vocabulário tirado da vivência dos homens.”² Esta condição masculina de toda a condição litúrgica, não é a única hipótese possível. Ouvindo um pouco mais a metade da humanidade, vamos ver como a proposta ecofeminista nos pode ajudar a celebrar de uma maneira mais plena e participativa.

A partir da definição de ecofeminismo, iremos levantar alguns elementos do modo de celebrar das liturgias ecofeministas com suas características próprias. Também através de algumas experiências de celebração, poderemos compreender melhor o que nos propõem as liturgias ecofeministas com o resgate da cotidianidade no celebrar.

2. Ibidem

Com essa reflexão, gostaria que pudéssemos dar um passo a mais em nossas celebrações litúrgicas e no modo de dar-lhes vida, bem como, possibilitar uma abertura ao novo que está sendo gerado em tantos grupos e comunidades, que já não conseguem mais seguir adiante nos moldes anteriores. Aqui, não se trata de destruir o passado, tratando-o somente como algo negativo, mas a tentativa de desenvolver um novo modo de celebrar a partir de novas situações que estão surgindo.

Este é um pouco do meu sonho... do nosso sonho... de celebrar a vida numa perspectiva ecofeminista, integradora e igualitária; é como nos diz o poeta-cantor: "*Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Sonho que se sonha junto é realidade!*"³ Que tal sonharmos juntos(as)?

3. Música de Raúl Seixas, s.n.t.

2. O QUE É ECOFEMINISMO?

Queria iniciar, dizendo que não há definição rígida e fechada do que vem a ser ecofeminismo. Podemos até afirmar que existem ecofeminismos, ou seja, várias maneiras de se fazer a conexão entre ecologia e feminismo. Aqui, parto das reflexões de duas teólogas feministas, que vem trabalhando o ecofeminismo há algum tempo: Rosemary Ruther e Ivone Gebara, bem como, de materiais publicados na revista *CONSPIRANDO*, que trata sobre o ecofeminismo, espiritualidade e teologia.

O termo ecofeminismo foi usado pela primeira vez por Francois D'Eaubonne, uma feminista francesa, na década de 70, onde ela afirma que "*as mulheres tinham interesses e necessidades específicas para defender a ecologia*".⁴ Ao longo dos anos, com o avanço do movimento ecofeminista, houve uma ampliação dessa afirmação, propondo que o ecofeminismo seja a transformação de todos os sistemas opressores. "*Para muitas mulheres, o ecofeminismo se expressa numa profunda relação com a terra e numa espiritualidade, que celebrar os ciclos vitais do nascimento, crescimento, decadência, morte e regeneração... Há uma variedade de estilos, como sons de muitos instrumentos musicais, que surgem do ecofeminismo e que demonstram sua vitalidade e criatividade*".⁵

4. R. TRAPASSO, Ecofeminismo: revisando nuestra conexión con la naturaleza. Em *CONSPIRANDO*, Santiago de Chile, n. 4 (1993 jun) p. 3.

5. Ibidem, p. 4.

A ecofeminista norte-americana Charles Spretnak, nos apresenta três caminhos feitos até se chegar ao ecofeminismo:

a) Um primeiro caminho foi o estudo de teorias políticas e da história; o contato com o marxismo na década de 60 e o trabalho de historiadoras que exploraram as raízes do patriarcado.

b) Um segundo caminho foi o descobrimento de uma religião baseada na natureza, geralmente da Deusa e o descobrimento, em meados da década de 70, de fontes históricas e arqueológicas, de uma religião que honrava a mulher e que parecia ter como sua "bíblia" a natureza.

6. C. SPRETNAK, Ecofeminismo, nuestras raíces e nuestro florecimiento. Em *CONSPIRAN-DO*, Santiago de Chile, n. 4 (1993 jun), pp. 9-10.

7. I. GEBARA, O gemido da criação e nossos gemidos. Em *RIBLA* Petrópolis, n. 21 (1995-2), p. 39.

c) Um terceiro caminho, que vem do meio ambiente, quando há um compromisso de mulheres e homens com a política verde, na descoberta do ecofeminismo e da ecologia profunda.⁶

Hoje, muitas ecofeministas propõem que trabalhem na linha da eco-paz, eco-justiça, eco-política, eco-educação, eco-filosofia, eco-teologia e pela evolução do ecofeminismo. Para Rosemary Ruther, o ecofeminismo “*representa a união do movimento ecológico radical, ou do que tem sido chamado de ‘ecologia profunda’ e do feminismo*”. Ela segue afirmando que há conexões simbólicas e sociais entre a opressão das mulheres e a dominação da natureza. Também Ivone Gebara, afirmou em uma palestra proferida aos/às agentes da Pastoral da Mulher Marginalizada, em maio 1995 em São Paulo, que o ecofeminismo percebe essa conexão estreita, que o mundo patriarcal faz entre a destruição da natureza e a destruição das mulheres.

Como podemos perceber, desde a sua utilização pela primeira vez na década de 70 até os nossos dias, a definição de ecofeminismo tem sido ampliada e vem servindo de suporte para a construção de uma nova humanidade, como um caminho prático para lutar contra a violência e a exclusão.

O ecofeminismo vem nos despertar a percepção de que “*somos todas e todos expressões de um mesmo corpo vivo comum, com toda a terra, as estrelas, o sistema solar, enfim, com todo o cosmo*”.⁷ Longe de ser alguma coisa alienante, burguesa, as preocupações que vem do ecofeminismo, são preocupações com a vida em primeiro lugar, em especial daqueles e daquelas que estão mais ameaçados pelo sistema capitalista, excludente, opressor e sexista.

Ao afirmarem a conexão entre opressão das mulheres e a dominação da natureza, entre destruição e ocupação da natureza e destruição e utilização das mulheres, Rosemary Ruther e Ivone Gebara, abrem a reflexão, de maneira a que possamos compreender melhor as relações existentes entre nós e em especial a maneira de desconstruirmos essas relações opressoras/destruidoras, adotando novas relações de mutualidade e reciprocidade, em relação à natureza e às mulheres.

A fala ecofeminista, é uma fala impregnada de novas relações entre mulheres e homens; entre mulheres, homens e a natureza; entre mulheres, homens, natureza e cosmos; enfim, é uma fala que desconstrói e busca novas formas de vivermos nossas relações cotidianas, sem o ranço patriarcal que usa da natureza e das mulheres como objetos que servem ao seu bel prazer.

O ecofeminismo tem um caráter profético: denuncia a opressão existente e anuncia novos rumos, novos caminhos para a sociedade e as igrejas; por isso, nem sempre é bem visto pelos “donos do poder” social e eclesial. “*Sem dúvida, como*

tudo na vida humana é misturado, muitas pessoas não entendem o objetivo a que o ecofeminismo se propõe. Por isso, acusações de heresia, de desprezo da autoridade, de querer uma sociedade sem pais e sem mães, de agressividade com a hierarquia, surgem com frequência e quase sempre envoltas por certa complacência em relação a essas pobres mulheres, que devem estar passando por uma crise existencial de alta intensidade. Há, sem dúvida, um temor do ecofeminismo, porque ele parece abalar as antigas seguranças e as certezas, que garantiam certo tipo de poder e de compreensão do cristianismo”.⁸

8. Idem, Mulheres femininas e feministas fazendo teologia. Em *CONTEXTO PASTORAL*, Rio de Janeiro, n. 13 (1993 mar-abr.), 6-7.

Falar de ecofeminismo é falar de uma reflexão, que ainda está no início da composição e que vem lançando os primeiros acordes como quem tenta ouvir a música que brota do universo. Tenta ouvir mais, sentir mais, viver mais para depois elaborar uma partitura, algumas palavras em relação a uma nova compreensão do ser humano, mais articulada com a natureza, com todos os seres, com o universo. Para depois, cantar e tocar com muita emoção!

3. ELEMENTOS PARA UMA LITURGIA ECOFEMINISTA

A partir do que vimos sobre o ecofeminismo, impõe-se agora a necessidade, mais que urgente, de trabalharmos em nossas liturgias de maneira a integrar cada vez mais a ecologia e as mulheres. Não se trata de abrir frestas ou brechas para as mulheres entrarem ou usarmos simplesmente alguns elementos da natureza. É necessário a criação de liturgias onde as relações de poder sejam mais distribuídas, onde não haja a centralização do sagrado na figura de um homem, seja ele padre ou pastor.

“A perspectiva ecofeminista é uma maneira litúrgica na qual se dá poder a toda a comunidade. Isto mostra um novo modelo de liderança na qual devemos encarar o ministério de forma partilhada. O importante neste modelo é a incorporação na celebração de experiências das mulheres como agentes religiosas e de espiritualidade, o que é uma coisa nova na nossa geração.”⁹

As liturgias ecofeministas, buscam celebrar de forma a integrar o cotidiano, a celebrar a partir dos fatos do dia-a-dia e das realidades vividas pelas mulheres. Elas querem celebrar a vida a partir da própria integralidade da pessoa humana e a partir de uma visão holística, onde somos todos e todas, no cosmo e na terra.

Pablo Richard afirma, que existem quatro elementos característicos da religião popular que fazem parte da experiência profunda do povo. Destaco-os aqui, pois a meu ver, eles tem uma grande relação com elementos das liturgias ecofeministas.

a) O primeiro elemento é o uso do corpo; onde pela dança, música, comida, vestido... se expressa o que se quer celebrar.

9. HUNT, M., La liturgia desde una perspectiva feminista. Em *MUJERES-VIDA NUEVA*. Cuaderno 2 (1989, ago).

Ele destaca que o corpo que celebra é um corpo sexuado o que celebrar é vivido na intensidade da própria sexualidade.

b) O segundo elemento é a comunidade; o celebrar é profundamente comunitário, todos(as) participam e há uma marca profunda de solidariedade, fraternidade, ternura expressa nos abraços, beijos e símbolos comunitários.

c) O terceiro elemento é o cosmo; é todo o cosmo que celebra junto: sol, lua, terra, árvores, flores, água, animais, pedras... tudo está profundamente incluído na celebração, onde o cosmo é o próprio corpo de Deus.

d) O quarto elemento é a mulher, onde ela tem um especial protagonismo e é incluída nos ofícios e ministérios sagrados.¹⁰

Como veremos, esses elementos estão também presentes nas liturgias ecofeministas, onde ocorre a inter-relação delas no celebrar, de maneira que podemos afirmar, que muitas comunidades já celebram de maneira ecofeminista.

Além desses elementos característicos da religião popular, a liturgista feminista Diann Neu nos, apresenta alguns outros que fazem parte do modo de celebrar ecofeminista:

Ambiente: as pessoas são colocadas em círculo, sem diferenças entre elas, simbolizando o poder que existe no partilhar e no Espírito de Deus presente na comunidade.

Responsáveis: as responsáveis formam parte do círculo, ao contrário do que acontece nos rituais tradicionais, onde o responsável pela celebração está à frente de uma mesa e o resto dos participantes olham na sua direção.

Cores: as cores formam parte importante da celebração. Deve-se escolher a cor adequada para o que se quer celebrar, nas toalhas, panos, velas, flores, tudo deve estar em harmonia. Nas liturgias ecofeministas há uma preocupação com a simplicidade da beleza e o cuidado estético dos elementos e objetos usados.

Leituras e músicas: as leituras utilizadas tendem a conscientizar e apoiar a luta das mulheres. São textos que dão poder às mulheres. Ocorre o mesmo com as canções. É importante escolher canções que falem da problemática das mulheres, sejam canções de origem religiosa ou não, assim como incorporar novas canções às tradicionais.

Palavras inclusivas: em quase todas as línguas ocidentais a palavra "homem" de raiz masculina é usada como termo genérico que inclui homens e mulheres. A proposta ecofeminista é utilizar uma linguagem que diferencie, claramente, a cada um dos gêneros, inclusive com relação aos textos bíblicos que forem usados.

Corpo: é um recurso do ser humano que, geralmente, não é usado ou é pouco usado na liturgia tradicional. Nas liturgias

10. Cf. *O Deus da via e o ressurgimento da religião*. Em *CONCILIUM*. Petrópolis, 58 (1995/2).

ecofeministas, as diferentes parte do corpo são valorizadas e incorporadas ao ato litúrgico; por exemplo, mãos, pés, lábios, ouvidos, são elementos de benção, de partilha, de sentido. O movimento do corpo também faz parte do celebrar.

Silêncio: os intervalos de silêncio, nos quais a pessoa volta-se para si mesma, ou para alguma companheira sem a interferência de palavras, ajudam a descobrir o profundo sentido espiritual da comunidade de fé.

Símbolos e ação: os símbolos jogam um papel muito importante na celebração. Sal, água, uvas, ramos, flores, velas, fitas e os diferentes elementos da natureza e do cotidiano, adquirem um variado sentido simbólico, dependendo da criatividade das ações nas quais são utilizadas.

Programas: enfatiza-se, especialmente, a necessidade de se programar e detalhar, com antecedência, toda a liturgia. É muito importante contar com programas escritos, para que todas as pessoas participantes possam acompanhar com atenção os diferentes momentos.

Instrução: na planificação prévia, preparação do programa ou roteiro, seguir com cuidado as observações indicadas acima e determinar a quem corresponde as diferentes partes da liturgia e o que devem fazer.¹¹

Podemos perceber que as liturgias ecofeministas celebram a vida e a bondade da criação, da natureza, de maneira simples, porém, cheia de alegria, não de forma austera, mas expansiva e libertadora.

Termino com o poema da companheira, Rosa Maria Barboza, que muito bem sabe celebrar a vida, e que nos fala que Deus está presente em mim, em nós, conosco, envolve nossos atos, nossas decisões, nossas opções, nos ama, nos ajuda, nos respeita e que se faz carne, se faz corpo, se faz humano, relação, vivência... É esse Deus que vem participar de nossas celebrações ecofeministas. Vem e se faz presente/presença na luta de libertação das mulheres...

*“Deus vem, do fundo da terra,
do abismo do mar,
do vácuo espaço infinito.
Deus vem, na energia do sol,
no encanto da lua,
na dança das estrelas, na poesia.
Deus vem, do sul, do norte,
do Leste e do oeste. Do meu corpo.
Deus vem, no vento forte, na brisa mansa,
na chuva fina que fecunda a terra,
faz nascer a semente.*”

11. Cf. *No estas sola: reflexiones y liturgias para la procreación responsable*. Montevideo, Católicas por el Derecho a Decidir, 1992.

*Deus vem, do íntimo do ser humano,
na prática da justiça,
na ação solidária,
na vivência da paz.
Deus vem,
está aqui...*¹²

12. BARBOZA, R.M. *A mulher, sujeito na teologia latino-americana*. São Paulo, Faculdade N. Sra. Assunção, 194, pp. 138-139 (Síntese teológica inédita)

4. ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DO CELEBRAR ECOFEMINISTA

Mais do que apenas apresentar várias celebrações ecofeministas, as que participei ou as de que tenho notícia, gostaria de fazer uma análise das características, que marcam o celebrar ecofeminista, em especial, a partir das experiências vivenciais de pessoas ou grupos que já celebram.

Já vimos os vários elementos, que compõem uma liturgia ecofeminista, agora poderíamos tentar perceber como esses elementos se interrelacionam dentro das celebrações a partir de algumas experiências celebrativas.

Gostaria de descrever aqui três celebrações ecofeministas, porém, limitando-me a apresentar apenas os roteiros para que possamos trabalhar sobre eles:

a) Ressurreição de Jesus — Ressurreição das mulheres

Esta celebração foi elaborada por um grupo de alunos(as) de teologia do ITESP, para apresentação no laboratório de liturgia.

1. *Acolhida — Madrugada do domingo da Ressurreição.*

Todas as pessoas estão em círculo ao redor de uma grande toalha colocada no chão.

Após a acolhida dos(as) presentes e do sentido da celebração, iniciamos o canto “Elas estão chegando” (refrão), repetido várias vezes, enquanto entra uma faixa escrita: “Vai e anuncia minha Ressurreição”, junto com o Círio Pascal, muitas flores e um jarro com água de cheiro que é aspergida sobre os(as) participantes, depois tudo é colocado sobre a toalha.

2. *Louvação*

Houve a motivação para a louvação pascal. Depois enquanto se cantava “*O que é, o que é*” de Gonzaguinha, algumas pessoas distribuíam as flores entre os presentes que dançavam e cantavam.

3. *Procissão da Palavra*

O Círio Pascal é levado até a pessoa que irá proclamar a Palavra e juntas voltam ao centro do círculo cantando “*Chegou a hora da alegria...*”

4. *Proclamação da Palavra*

É feita dialogada entre narrador, Jesus e Madalena. (Jo 20,1-18), de forma espontânea e leve.

5. *Partilha da Palavra*: Livre.

6. *Profissão de Fé juntamente com as ofertas*.

Enquanto se cantava “*Eu creio em ti Deus Pai... Eu creio em ti Deus Mãe...*” as pessoas que trouxeram suas ofertas (bolos, café, bolachas, chás...) colocavam-nas no centro do círculo.

7. *Oração da Comunidade*:

A cada motivo de oração cantávamos o refrão: “*Ouvi o grito que sai do chão, dessas mulheres em oração*”.

8. *Junto(as)*, de mãos dadas, rezamos: “*Deus nosso que estais nos céus...*”

9. Após a oração demos nosso *abraço de Feliz Páscoa* para nossas companheiras(os), enquanto ouvíamos a música “*Gracias a la Vida*”.

10. Depois partilhámos nossas comidas e dançamos.

Esse primeiro roteiro nos apresenta uma celebração onde quase todos os elementos fazem parte daqueles propostos por Diann Neu, onde existe uma interrelação de poderes, onde se celebra com a Páscoa (vida, morte e ressurreição de Jesus), também o cotidiano de vida, morte e ressurreição das mulheres.

No contexto de celebração ecofeminista, ele nos insere na dinâmica de nossa integração com a natureza. Ela foi pensada para ser celebrada na madrugada da ressurreição e terminar com os primeiros raios do sol na partilha de nossas comidas.

Penso, que essa proposta de celebração é muito propícia para as comunidades onde as pessoas trabalham no sábado santo até muito tarde, ficando difícil a participação na Vigília Pascal. Também, com ela percebemos um resgate do sentido da espera pelo ressuscitado, que é hoje, também, a espera pela libertação.

Como celebração ecofeminista, ela resgata a presença e o protagonismo das mulheres como anunciadoras do grande milagre, da vida que vence a morte, naquela madrugada da ressurreição.

b). “Somos parte de uma rede”

Esta liturgia foi preparada para o final de um encontro de capacitação para leigos(as), realizado na África em 1988.

1. Canto inicial.

2. Uma breve introdução para o momento de reflexão.

3. Período de silêncio.

4. Orações breves — umas cinco pessoas.

5. Leitura bíblica — a leitura deverá ser partilhada com o grupo em forma de encenação.

6. Partilha de pequenas reflexões — sobre o encontro, sobre a realidade da cidade ou país dos participantes... — umas cinco pessoas.

7. Símbolo de comunidade — a pessoa que coordena a celebração toma um novelo de lã, segura a ponta e joga o novelo à outra pessoa dizendo o porque da escolha dela. A que recebe, o mesmo procedimento, até que todas as pessoas sejam parte dessa rede, que se formou com o novelo de lã.

8. Quem coordena, comenta a necessidade de formarmos uma rede de trabalhadoras(es) pela justiça e pela paz, muito além das fronteiras culturais, sexuais, idiomáticas e ideológicas.

9. Coloca-se a rede no chão e enquanto se canta, distribui-se uma pequena lembrança, que é maneira simbólica de se comprometer com o que se celebrou.

10. Todas(os), ainda no círculo, se dão as mãos e num momento de silêncio pedem a benção de Deus.

11. Canto final e despedida.

Esse segundo roteiro é bem mais simples, apresenta muitas características do celebrar ecofeminista, como a possibilidade das pessoas se expressarem dentro da celebração, o círculo, o uso de símbolos, o silêncio.

É importante salientar, que através de símbolos como o do novelo de lã, se toma consciência da necessidade de se comprometer com a formação de uma rede de solidariedade. Como liturgia ecofeminista, ela nos apresenta uma forma de celebrarmos nossas redes de articulação e a nos percebermos como parte de uma rede muito grande, que é o cosmo.

c) “Solidariedade entre as mulheres e comunidades”

Esta celebração foi elaborada pela Comissão Mulher-Igreja da Conferência dos Religiosos da Colômbia.

1. Canto inicial — *“Mulher de Latinoamérica”*

2. Motivação da celebração — Celebrar a mulher fonte de vida.

3. Leitura de um poema

4. Interpretação do texto de Judite 16, 21-25.

5. Rito simbólico: somos leite, mel e pão.

Se passa o leite e cada pessoa ao tomar diz uma palavra significativa, por exemplo, *Força, Esperança, Resistência...*

Saborear o mel e enquanto isso se repetem as seguintes frases:

Mulher, cântaro de mel, expressão de ternura

Mulher, gota de mel, linguagem da intuição

Mulher, jorro de mel, plenitude do amor

Mulher, sugar o mel, plena de paz diante dos conflitos

Mulher, poço de mel, sabedoria inacabada.

O pão é partilhado em pedaços. Cada mulher dá um abraço na outra, desejando-lhe paz e partilhando o pão.

6. Canto: *Irá chegar um novo dia...*

7. Oração final — criação coletiva de comissão.

Este roteiro apresenta-nos uma celebração rica de simbolismo e de significados. Usando palavras e frases fortes convoca-nos a celebrar a presença das mulheres como leite, mel e pão em nossas comunidades.

É muito bonito pensar nesses momentos celebrativos, na dinamicidade do ritual e no envolvimento que ele propõe. Pelo roteiro apresentado se tem a nítida noção de que a celebração vem num crescendo até chegar ao ponto forte, que é a partilha. Também, como liturgia ecofeminista, traz bem presentes vários elementos desse modo de celebrar.

Penso, que tudo mais que venha a ser dito aqui, acerca das experiências do celebrar ecofeminista, será desnecessário, se tivermos a nossa atenção voltada, em especial a esses três roteiros.

Só gostaria de salientar que o celebrar ecofeminista tem em si uma força que se explica por si mesma. Não se fazem necessárias muitas palavras para se entrar no clima celebrativo, que ela nos propõe. Seu jeito “caseiro” ou de “conversa das comadres”, longe de ser algo depreciativo, dá a ela um tom de comunidade/casa, de lugar seguro, de aconchego, de bem-estar. Dá ao ritual a missão de ser lugar de solidariedade, fraternidade, ternura onde mulheres e homens ensaiam o novo.

Como diz Ivone Gebara, as liturgias ecofeministas são espaços da “*Mulher falando ternura, falando justiça, confiando, desconfiando...ensaiando novos ritmos e novas danças...!*”

5. ELAS CHEGARAM... E CHEGARAM PRA FICAR...!

*“Quem disse que não somos nada,
Que não temos nada para oferecer?
Repare, nossas mãos abertas,
Trazendo as ofertas do nosso viver!”¹³*

13. VICENTE, Z. *Ofertório do povo*. Música.

Este refrão, que é cantado nos quatro cantos de nosso país, expressa muito bem o que acabamos de dizer neste capítulo: Elas estão chegando... Elas chegaram... e chegaram para ficar!

Já não podemos mais fechar nossos olhos e ouvidos ao canto/grito de tantas mulheres, que reivindicam o seu lugar em nossas comunidades, em nossas celebrações. “*Espiritualidade cristã significa comer juntos, partilhar juntos, beber juntos, falar uns com os outros, acolher-nos aos outros, experimentar a presença de Deus uns através dos outros... Enquanto as mulheres cristãs forem excluídas do partir o pão e decidir o seu próprio bem-estar espiritual e comprometimento, a ekklesia como discipulado de iguais não estará realizada e o poder do evangelho estará grandemente diminuído*”.¹⁴

14. FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo, Paulinas, 199, p. 386.

Como vemos, nossas igrejas ainda estão muito longe de partilharem o poder do celebrar com as mulheres. Não estou

fazendo aqui nenhuma apologia pela ordenação de mulheres, pois penso que dentro de uma estrutura “eclesiástico-patriarcal” como a nossa, elas não se sentiriam muito à vontade.

O que penso ser de máxima urgência é a abertura ao diálogo, o respeito à pluralidade de pensamento, aquilo que muitas pessoas chamam de respeitar a “unidade na pluralidade”. Sendo assim, as liturgias ecofeministas, dentro da pluralidade do celebrar a Deus, ao Deus da vida, já não seriam mais vistas como algo perigoso, herético, mas sim como uma riqueza das igrejas que valorizam e respeitam o plural.

Elas chegaram... e chegaram pra ficar é a confirmação de que já a alguns anos há pessoas e grupos, que buscam renovar e criar novas formas litúrgicas, que permitam participar aquelas preocupações próprias de cada comunidade. É o celebrar ecofeminista, que tem permitido à muita gente, vivenciar uma comunidade e sentir-se parte dela.

Elas chegaram... e chegaram pra ficar, mas não para ficarem a sós, elas contam com todos, aquelas e aqueles, que tem sonhos de uma caminhada em comum e que sentem dentro de si um forte apelo pelo novo:

*“Oh tu que ouves o apelo do teu povo,
vem, renova em nós o teu poder
para que sejamos construtores
de um novo dia, um novo amanhecer!
Que a justiça esteja em nós presente
e o amor seja feito, uma canção
nascida no meio de tua gente
que caminha em busca da libertação!”¹⁴*

15. IRALA, F. e ESVAEL, F. *Apelo*. Música.

Pe. Sérgio Ricardo Arcas de Abreu
ITESP — Tesina de bacharelato, 1996

nos dois milênios da Igreja. Mostra-se como foram variados os fins e os meios, que a comunidade se deu para chegar a todos e em circunstâncias tão diferenciadas.

Cada capítulo da obra abrange um período no qual se apresentam a situação histórica, os principais ensinamentos transmitidos, os nomes mais importantes e as obras mais marcantes. Para que não se fique só na teoria, acompanham cada capítulo uma bibliografia, um texto catequético, um catequista com sua vida e seus problemas e um questionário para aprofundamento e estudo pessoal ou de grupo.

Em boa seqüência, temos os séculos I-II, os III-IV, os V-X, os XI-XIV. Para se ter uma idéia da linha seguida seria bom mencionar que os catequistas de cada período são, pela ordem: São Justino, Santo Ambrósio, São Gregório Magno e Santo Tomás de Aquino. Seguem-se os séculos modernos divididos em períodos, que abrangem os XV-XVI, os XVII-XVIII, o século XIX e por fim o nosso século. E como catequistas modelos: o Catecismo de Trento, São Roberto Belarmino, São João Bosco e na modernidade São Pio X.

Se no livro constasse só com o último capítulo, ele já mereceria ser lido: *A tradição da catequese no Brasil*. Capítulo feito por um exímio conhecedor da matéria e da história da vida religiosa católica dos brasileiros, é uma fonte de informação sobre a nossa maneira de viver e compreender a fé por todo o grupo social dos brasileiros, que pode dar não só uma idéia da formação primária, mas também da estrutura mental da pastoral do nosso passado. Essa preocupação com nosso povo já era em si muito justa, feita com a competência com que foi executada, merece uma recomendação especial. Com esse capítulo especial devem-se, também, mencionar as notas espalhadas no livro para iluminar aspectos de outros tempos em união com o que vinha acontecendo em outras regiões do mundo.

O livro é bastante simples e feito para pessoas que começam seus estudos. Mas tem uma bibliografia razoável. Infelizmente citam-se quase exclusivamente autores italianos ou em traduções aparecidas na Itália, mesmo quando se fala de obras escritas pelos padres da Igreja. Certamente o livro mereceria uma revisão mais exigente. Há neologismos difíceis de entender: *perspectivar* (p. 65); *inultrapassável* (p. 79), *Mission de France* traduzida por *Missão de Force* (p. 204). Fala-se de uma *Disputatio puerorum*, sem dizer onde se poderia ter uma edição da obra (p. 66). Cita-se uma carta de Alcuíno fazendo referência a Migne *Epístula 110, 190*, onde a pessoa não fica sabendo quem é esse Migne, e o que é esse 190... (também p. 66). Certamente uma citação confusa. Entre os grandes teólogos do século XIII, omite-se o nome do Santo Tomás de Aquino (p. 80), que depois vai ser proposto como modelo de catequista (p. 93-95).